

JOSÉ JOAQUIM FERREIRA BARROSO

Antigo prof. do Ensino Liceal e Técnico

MONOGRAFIA GEOGRÁFICA

- a) CONCEITO MODERNO DA GEOGRAFIA
- b) COMO DEVE SER ENSINADA
- c) ESBOÇO GEOGRÁFICO DO CONCELHO DE BARCELOS



BARCELOS — PAÇO DOS CONDES-DUQUES, MATRIZ E RIO CÁVADO

IMPRENSA ARTÍSTICA — VILA REAL



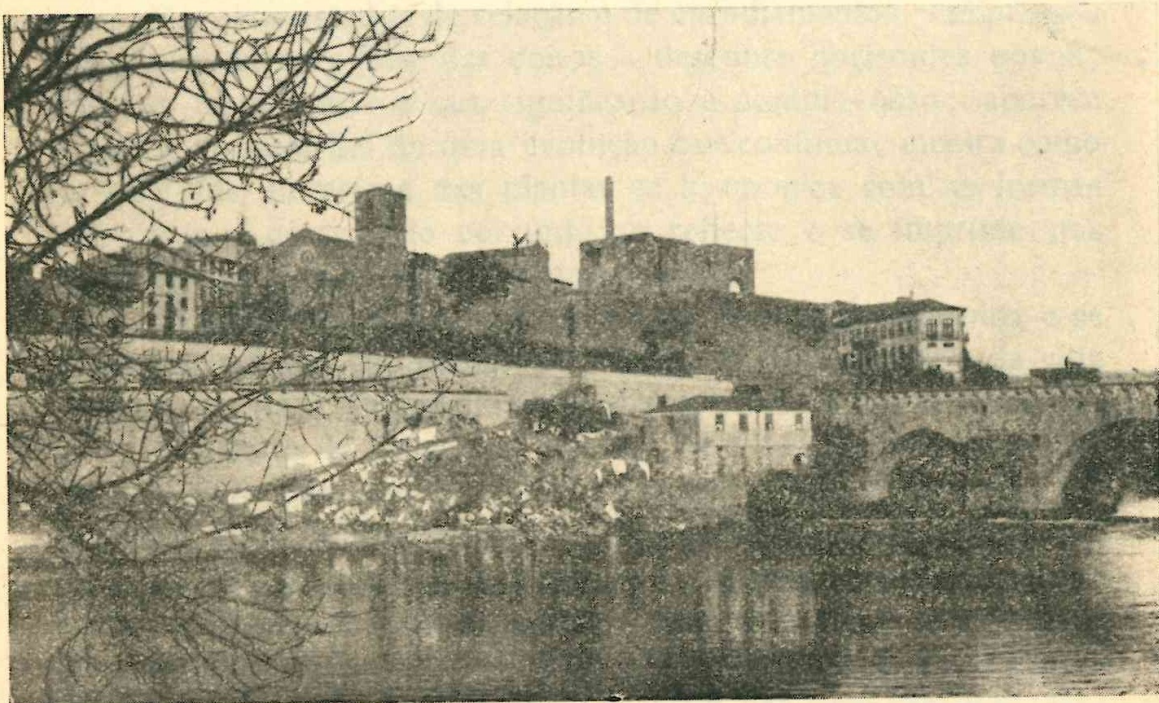
JOSÉ JOAQUIM FERREIRA BARROSO

Antigo prof. do Ensino Liceal e Técnico

C. M. B.
BIBLIOTECA*Feito o
Auto**Barcelos
Perme*

MONOGRAFIA GEOGRÁFICA

- a) CONCEITO MODERNO DA GEOGRAFIA
- b) COMO DEVE SER ENSINADA
- c) ESBOÇO GEOGRÁFICO DO CONCELHO DE BARCELOS



BARCELOS — PAÇO DOS CONDES-DUQUES, MATRIZ E RIO CÁVADO,

Introdução. Tendências modernas da Geografia

A Geografia é uma das ciências que nos últimos tempos tem adquirido maior desenvolvimento e das que mais deve interessar ao homem.

O progresso contínuo das ciências tem concorrido imenso para essa evolução.

Possui como qualquer outra, a consciência do seu valor, do seu objecto, dos seus meios de investigação e do seu método; doravante tem direito a ser citada entre as ciências e de ser considerada como ciência autónoma, pois tem leis próprias, doutrinas e princípios seus e, embora recorra muitas vezes a auxiliares, tais como a Geologia, Biologia, Física, Química etc., constitui um corpo de saber diferente e tem como qualquer outra ciência o seu domínio próprio.

Por seus estudos de relação e de encadramentos — expressão profunda da realidade das coisas — descobre horizontes novos; dá aos factos toda a sua significação e compreensão; aparece como a imagem fiel de uma evolução que continua; mostra como a vida dos animais e das plantas se harmoniza com as formas terrestres e como este conjunto se reflecte e se imprime nos fenómenos vitais da humanidade.

O acordo magnífico da terra e de tudo o que germina e se desenvolve à sua superfície, — harmonioso determinismo da vida natural —, dá à Geografia toda a sua beleza e fixa o seu ideal.

O estudo da Terra tem que ser feito de uma maneira muito diferente do passado. A Terra pode ser considerada como um ser vivo. Como tal reflecte na sua face, a exemplo da face humana, tudo quanto se passa no seu interior — as suas amarguras e a sua individualidade. A todo o instante chega à superfície, sob a forma de movimentos, o eco de toda a sua dinâmica interior, a elaboração das suas forças, o conflito colossal das suas energias. Mas

a superfície terrestre não é só a consequência das suas forças endógenas: ela sofre o embate de tudo quanto a cerca — da sua situação no espaço; do ar que a envolve; da chuva que a fustiga e dos gelos que a rasgam. Como a face humana, as suas impressões também são o resultado de tudo quanto sobre ela incide. E é do conflito permanente das energias que partem do seu organismo e das que a envolvem, que a cada momento ela se mostra tranquila ou inquieta, pacífica ou violenta.

As suas energias internas, numerosas e complexas, traduzem-se por fenómenos diversos; uns de lentidão máxima; outros bruscos e de efeitos trágicos.

Os primeiros, não os vemos imediatamente; vê-os a ciência que reconhece a sua existência e marca a sua grandeza.

Dos segundos, temos uma visão directa. Porém, uns e outros chegam à superfície alterando-a, fragmentando-a, fazendo recuar os mares, levantando e abatendo as montanhas; isto sem descanso, sem fadiga, sem um instante de pausa.

Das manifestações bruscas são os vulcões que mais ferem a imaginação humana. São sinais da juventude terrestre; aparecem nos terrenos instáveis, como válvulas de segurança; surgem através das cicatrizes e fracturas da terra, umas vezes lançando pelas suas chaminés o magma complexo, outras levantando-o sob a forma de colossais massas em fusão, resfriando-se depois. Esta vivacidade terrestre, revelada pelos vulcões, tem fases: após um período de repouso vem outro de agitação; a largos períodos de tranquilidade sucedem-se outros de revolta. São estas formidáveis massas vindas do interior do Globo que construíram a maior parte do material da arquitectura da superfície terrestre; são elas também que levantam ilhas; criam abismos nos mares; abrem nele sulcos profunlíssimos na tortura permanente. É assim que a face da terra e principalmente o fundo do oceano, nas suas zonas de instabilidade se encontram num fazer e desfazer constantes.

Do interior da Terra chegam à superfície ondulações sucessivas; umas são silenciosas para nós; outras criam pavor. E no entanto, essas ondulações reflectem o ageitar-se da terra, as suas tendências para o equilíbrio. O seu número é incalculável; sur-

gem onde a estabilidade da Terra é menor, onde as fendas são mais vivas, isto é, são mais recentes; são frequentemente associadas aos vulcões e como estes aos tremores de terra ou sismos, que é o nome dado a esses movimentos violentos da crosta. Manifestam-se, ou não, em períodos; têm regiões de preferência, onde as condições de estabilidade terrestre são de menor garantia. Quando surgem com violência, emocionam-nos pelos seus efeitos. A sua obra não se interrompe e, pouco a pouco, vão concorrendo para que os mares engulam nesgas de terra emersa e esta se mostre onde o mar existiu outrora.

A terra é plástica mais numa região do que noutra. Onde é instável, onde o solo apresenta largas brechas, traduzindo fraqueza, a massa plástica por pressões sofridas, eleva-se lentamente, hesitante, bulhenta em vulcanismos e tremores, e durante este período de inquietação, de juventude, o seu levantar e crescer provocam a ruína e a morte das terras próximas. Chega, porém, um momento em que se fecham as cicatrizes, em que a terra levantada se estabiliza, em que não há mais vulcões e terremotos.

Aparecem então as montanhas; nascem, crescem numa agitação violenta ou lenta, segundo a sua origem é de enrugamento ou sedimentação. Entram depois a endurecer-se até chegar um período em que as forças externas as desbastam, corroendo-as e destruindo-as. Os seus materiais são levados para longe, para o mar para preparar novos continentes ou para os vales, originando terrenos de aluvião. Entretanto, no interior da Terra desenvolvem-se as mais extraordinárias energias.

A água infiltrando-se, descendo e aquecendo-se, arrasta os materiais, dissolve-os quando pode, provoca combinações e decomposições, cria grutas e cavernas. A agitação no interior é indescritível.

A sua circulação constroi e destrói, edifica e desaba. Explosões sem conta, desmoronamentos incessantes são manifestações a cada momento; e toda esta violência interior imprime os seus efeitos à superfície sem termos a consciência de uma tão formidável luta. Não são unicamente as forças internas que marcam os traços fisionómicos da face da terra, são também os ventos,

agentes externos, que criam os desertos e as estepes, esgotam os mares, levam materiais para a edificação de novos continentes, raspam e destroem enormes massas de terra, extinguem a vida, tapando os rios e secando as fontes, torturam as costas e formam oceanos de dunas. A sua acção é dupla, destruidora e construtora.

Como os ventos, as chuvas são o grande nivelador da superfície da terra. O seu fim é planificar; milhões de toneladas são levadas para o mar. É idêntica a acção dos rios, das torrentes e dos mares, castigando as costas, abrindo vales, separando montanhas, rasgando sempre com o fim de modelar, de planificar. Do mesmo modo os gelos são uma das grandes causas da destruição das montanhas. É de todo este complexo de circunstâncias, de forças internas e externas num conflito permanente, aquelas dando as linhas fisionómicas principais e estas as secundárias, que surge dia a dia a face da terra, revelando o seu estado de alma, resultante dessa luta. Por isso, seja qual for o país que se considere, tem cada um a sua história física, a sua geneologia. Os oceanos têm regiões antigas e outras modernas; há oceanos velhos e novos; zonas de mares que foram outrora continentes e vice-versa. Há terras novas e velhas e talvez nenhum ponto da superfície se possa indicar que não tivesse sido coberto uma vez pelo mar. A superfície está assim numa transformação constante; transforma-se e evoluciona; os climas modificam-se e com eles as condições de existência; e esta é sucessivamente mais complexa e variada. A princípio a vida é uniforme e igual e só existe nos mares. A superfície emersa não tem vida; a atmosfera é densa e irrespirável. Depois é o período da história física da Terra em que a atmosfera se torna transparente, a luz é mais viva, a vida estende-se do oceano para a superfície emersa; aparecem as aves, as plantas, a natureza embeleza-se, surgem as estações e aparecem as plantas de folhas caducas.

Há diferenciação dos climas, regionalizam-se as plantas e os animais. E, pouco a pouco, num crescer gradual, numa complicação cada vez maior, aperfeiçoa-se a vida e aparecem seres sucessivamente mais perfeitos.

Começa então a esboçar-se a futura forma humana.

Como deve ser ensinada a Geografia

É da maneira como actualmente se deve interpretar a superfície terrestre, isto é, da Geografia Genética que sai toda a didáctica sobre o ensino desta disciplina.

O ensino da Geografia deve ter por base a observação, investigação e intuição. Esta pode ser directa ou indirecta. Para que os alunos tenham intuição de qualquer objecto há falta de material de ensino nas nossas escolas. As intuições dos objectos *in natura*, são o ponto de partida para a intuição dos objectos idealizados. Pelo estudo da perspectiva chegamos a ter a intuição dum relevo.

É a PESTALOZZI, sobretudo, que remonta a nova corrente — a representação dos objectos, costumes, paisagens, animais, plantas e mapas.

ALEXANDRE HUMBOLDT disse: — em cada canto da Terra se reflecte o Universo inteiro.

Se nós fizermos bem o estudo de um local, sem dúvida teremos bases de intuição comuns a quase todos os pontos da Terra.

Partindo do estudo da localidade, como fazem os alemães, em certos casos vemo-nos embaraçados não quanto à pobreza, mas quanto à riqueza; encontramos todos os accidentes geográficos, todos os ramos de indústria, quer primitiva quer moderna. São também duma grande utilidade os passeios escolares, mas é preciso fazer a educação para eles.

Muitas vezes nada se aproveita por falta de preparação adequada.

É preciso prender a atenção dos alunos tanto quanto possível e fazer com que eles se interessem pelo estudo. O ponto de partida deve ser a intuição immediata.

Foi Comenius quem introduziu o que hoje se chama lição de coisas para o que é preciso educar os sentidos; mas quem desenvolveu estas ideias foi PESTALOZZI.

Opinião de GIRARD: — Continuador de PESTALOZZI, GIRARD pretendia achar no estudo da Geografia um meio de contribuir para o desenvolvimento do ser moral.

É sua opinião e íntima convicção que todo o trabalho elementar para a criança deve ser um meio de educação.

Se se limita, diz GIRARD, a dar conhecimentos, a desenvolver as faculdades do aluno, pode aprovar a ordem e a vida que o autor soube pôr no seu trabalho, mas não fica contente com ele. Fica mesmo indignado por não encontrar senão um professor de línguas, de História Natural, de Geografia, etc., quando esperava alguma coisa muito superior: um educador da mocidade, formando o espírito para formar o coração. E a Geografia presta-se bastante a isto ainda que numa esfera um tanto reservada.

Opinião de LAKANAL — LAKANAL definiu da maneira seguinte o método a adoptar no ensino da Geografia: — Expõe-se a princípio em cada escola o plano da localidade onde está situada, depois apresenta-se aos alunos uma carta do bairro de que a localidade faz parte, em seguida da província, do país, etc.

Opinião de CHALOTAIS — Para Chalotais o estudo da Geografia devia fazer-se juntamente com o da História. Chalotais não separa o seu estudo e pede que, sem entrar em detalhe seco e aborrecido, se façam excursões e se insista sobre o que há de principal, como os factos mais importantes, os costumes, os produtos naturais, etc.

— Do que nós precisamos principalmente é de uma educação geral bem feita, depois é que entraremos na parte especial; é então que temos necessidade da prática.

A par da educação intelectual deve andar a educação moral, tão precisa, ou mais que a primeira e antepô-la à educação física.

De que serve ao homem ser forte de corpo, se é fraco de espírito? Não é uma alma forte que torna o corpo também forte? A educação intelectual sem a moral não tem valor. Já Sócrates, um dos mais notáveis pensadores gregos, dizia: — A ciência sem a moral em vez de ser um bem é um mal.

É indispensável a formação do carácter e da personalidade, hoje tão abandonada, para o que deve convergir todo o ensino.

O professor deve procurar formar o espírito do aluno de modo que só por si possa adquirir os conhecimentos (Locke). É preciso habituá-lo a raciocinar. Para se fazer bem o ensino é necessário conhecer bem as crianças (Herbart). Estudar a sua psicologia e agrupá-las segundo as suas afinidades - inteligência, atenção, poder de fixação e interesse.

É necessário, porém, em primeiro lugar disciplinar o espírito por meio de uma sólida formação moral a fim de que a indisciplina não triunfe e com ela a anarquia. (1)

O ensino deve ser variado quanto possível, pois num trabalho, muitas vezes, repousa-se de outro. Já DESCARTES dizia que dividia o dia pelos seus estudos, dedicando menos tempo à Filosofia por ser a que absorve mais o espírito.

Para as primeiras classes, no estudo da Geografia, a própria localidade onde nos encontramos, como vimos, por mais pequena que seja, serve, sem dúvida, para ensinarmos esta disciplina e darmos aos alunos uma ideia sucinta do que seja este estudo e a sua utilidade na vida, utilidade indubitavelmente enorme.

Podemos dar ideia do relevo, da hidrografia, do clima, da flora e da fauna, do seu desenvolvimento comercial e industrial, da sua situação económica, finalmente de todos os fenómenos geográficos, bem como de tudo quanto se relacione com estes, não esquecendo os astronómicos. É, pois, de capital importância, senão indispensável, o ensino da Geografia em contacto com a própria natureza. Para isso não podemos dispensar os passeios geográficos. Estes passeios, porém, devem ser completamente organizados e sàbiamente dirigidos.

O professor deve chamar a atenção dos alunos para tudo quanto os possa interessar e instruir, embora se não relacione muito com a disciplina que rege. Por enquanto, entre nós, estes passeios escolares não dão os resultados que deviam dar pelas

(1) — Sob este ponto de vista o futuro prevê-se bastante sombrio. Faça-se um exame, embora rápido, à forma como as crianças se comportam nas escolas e ficar-se-á a fazer uma ideia do que é a educação actualmente. Posto isto procure-se corrigir os defeitos que a inspecção verificar.

dificuldades com que se tem a lutar, pelo abandono a que ainda está votada a verdadeira instrução e educação, porque instruir é também educar.

Quando os passeios se não possam realizar, por qualquer motivo, pois que nem sempre é possível, o professor deve utilizar cartas, fotografias tiradas para esse fim ou trabalhos idênticos.

O ensino da Geografia deve ser analítico e relacionado, não simplesmente descritivo como tem sido.

Não nos devemos limitar só a descrever os fenómenos, devemos indagar as suas causas e explicar aos alunos as suas relações e dependências.

Temos necessidade de acompanhar tanto quanto se possa o critério moderno da Geografia e para isso precisamos de saber todos os porquês, as razões de ser dos relevos, da sua forma, da sua existência, da sua idade, a sua relação com outros, as transformações porque têm passado, os fenómenos que ocasionam essas transformações, se seriam internos ou externos. Bem sei que estas explicações não as podemos dar todas nas três primeiras classes, por o desenvolvimento e a inteligência dos alunos não estarem ainda ao alcance da sua compreensão.

Contudo, quando explicarmos as lições de Geografia pertencentes às primeiras classes, devemos orientar os alunos, o mais possível segundo o critério genético, porque se alguma coisa se disser que o seu poder intuitivo não possa abranger logo, mais tarde, quando o seu desenvolvimento e reflexão forem maiores, compreendê-lo-ão (Stuart Mil).

Temos, pois, que fazer, por assim dizer, anatomia geográfica e fisiologia das formas terrestres; ver a maneira como reagem sob a distribuição das condições físicas exteriores à crosta e sua influência nos climas dos quais depende a distribuição, tanto animal como vegetal e a actividade humana, isto é, toda a vida social, política e económica das quais a Terra se pode considerar o fulcro; e daí a importância ainda maior do seu estudo.

A Terra é dotada de vida própria, donde resulta a necessidade que temos de conhecer todas as transformações que esta tem sofrido e continua a sofrer.

A muitos chega a causar surpresa ouvir dizer que a superfície da Terra, os climas e a vida se modificam constantemente, tal é a falta da verdadeira noção da Geografia. A muitos há-de parecer fantasia afirmar-se que, por exemplo, a secção inferior do Tejo constituiu um golfo na era terciária e que a foz do rio, nesse tempo, seria provavelmente perto de Vila Velha do Rodão...

Precisamos saber relacionar os fenómenos geográficos no tempo e no espaço, o que nos obriga a uma orientação didáctica muito especial — muito diferente da que se lhe tem dado.

A educação geográfica muda, pois, fundamentalmente segundo se trata da antiga geografia, meramente descritiva, ou da moderna (genética). Esta não procura descrever, mas interpretar a Terra e conhecer todos os fenómenos que nela têm lugar. Pode-se considerar como uma ciência educativa e, se muitas vezes não educa, é, pelo menos, critério de estudo. Nenhuma outra pode tão bem desenvolver o espírito dos alunos, fazendo-lhes ver a causa de certos fenómenos que, sem ela, desconheceriam.

A Geografia preocupa-se em encontrar as bases da causalidade.

Quando vemos uma estrela ou uma montanha, por exemplo, necessariamente há-de surgir no nosso espírito o interesse em conhecer a sua génese.

A Geografia descritiva não se deve, porém, pôr inteiramente de parte. É mesmo, em certos casos, indispensável no ensino, mas o seu uso deve ser mais restrito do que tem sido. A Geografia genética é, portanto, duma grande complexidade pela variedade de assuntos que tem a tratar, e a preparação científica deve ser tanto maior quanto mais caminharmos para a geografia humana.

No ensino secundário em lugar de se ensinar a Geologia com certas minudências, dever-se-ia antes ensinar a Antropologia e esta, primeiro do que aquela, e o seu estudo devia principiar pelo homem.

Nos liceus as conferências deviam ser feitas pelos professores e não pelos alunos, como sucede em alguns, e, caso seja possível, criar laboratórios (trabalhos práticos) para o estudo da

Geografia experimental, como já acontece na América e em alguns países europeus.

O estudo da Geografia é relativamente recente. Em 1871 é que se estabelece o nosso ensino geográfico que, apesar da ciência geográfica se ter desenvolvido imenso, no ensino pouco se tem adiantado, principalmente no primário e secundário, sendo para salientar a deficiência que se nota na parte relativa ao estudo das nossas Províncias Ultramarinas, onde há tanto que aprender e que, como Portugueses, temos o dever de conhecer muito bem no nosso próprio interesse.

O critério a aplicar no ensino da Geografia deve ser o natural e este também o seu método. Devemos ensinar como a Terra é no presente e como foi no passado e os seus aspectos físicos, biológicos e climáticos.

Além da importância da Geografia como ciência, importa fazer ver aos alunos a sua utilidade prática.

A Geografia física não deve no princípio estar separada da Geografia política; ambas devem estar unidas tão estreitamente quanto possível. Deve-se reduzir tanto quanto se possa o ensino de pura memória e habituar o aluno a observar com inteligência a natureza e, quando não seja possível, recorrer então às reproduções desta em relevo e em carta.

As primeiras noções de Geografia física e matemática ligam-se sempre à região onde se encontra e esta deverá servir de ponto de partida para se obter ideias gerais. Os primeiros conhecimentos assim adquiridos fixar-se-ão duma maneira sensível com passeios geográficos; depois o aluno iniciar-se-á no emprego e na leitura das cartas.

No estudo dos diferentes países não se devem esquecer as fontes económicas, bem como a sua localização, meios de transporte e vias de comunicação.

Nas classes inferiores e médias é de grande conveniência que todos os alunos tenham o mesmo atlas e que este não seja demasiado grande.

O traçado de cartas é também muito importante; dá ideias claras e ajuda a reter. Alguns esboços, perfis ou outros traçados

simples no quadro deverão bastar na maioria dos casos. Em geral não se mandarão fazer cartas em casa aos alunos por falta de tempo, contentar-se-á com simples traçados durante a aula.

Um bom ensino da Geografia deve ser elementar e prático. Devem-se pôr de parte coisas que pouca importância têm e que só servem para cansar a memória do aluno, como por exemplo, as definições.

Deve ser intuitivo. Tomar-se-á como ponto de partida a Geografia local que se estudará *de visu* nos passeios geográficos. E só quando estes se tornem impossíveis, é que se deve recorrer ao emprego de meios artificiais, tais como cartas, esferas, gravuras, quadros, albuns, pinturas e fotografias.

Assim, tendo-se desenhado, por exemplo, o lago Genebra é preciso mostrar uma vista das margens, etc. Este ensino deve também ser dirigido à razão do aluno — deve ser racional. — Explicar-se-á a razão dos factos geográficos, como as formações das montanhas; far-se-á sobressair a relação natural e necessária que existe entre a orografia de um país e a sua hidrografia, entre os produtos naturais de uma região e a sua indústria, entre as riquezas do solo e subsolo e a densidade da população de uma região. Por exemplo, a aproximação da costa da única cadeia de montanhas que se estende ao longo da costa ocidental da América, explica a rapidez e o número dos cursos de água desta vertente e a razão de ser dos grandes rios da vertente oposta. A altitude dos montes suíços justifica a presença de nascentes diversas; as múltiplas elevações fazem pensar nos lagos formados pela inundação dos vales, consequência da fusão dos gelos; a situação geográfica da Suíça conduz à ideia do seu comércio de trânsito. Na Bélgica a indústria metalúrgica, a construção de máquinas, etc., fixa-se nas margens do Sambre e do Mosa e na Alemanha nas margens do Reno por causa da vizinhança das minas de hulha.

O nosso País, por exemplo, é essencialmente agrícola por o seu solo, na maior parte, se prestar à agricultura pela sua boa composição ou antes, da camada arável, temperatura relativamente suave e humidade abundante, principalmente no Minho e

Beira Litoral, do que resulta haver também indústrias agrícolas que maiores seriam se houvesse grandes prados naturais.

Este ensino, porém, não basta dirigir-se à razão, é preciso dirigir-se também à imaginação, fazer ver, evocar a imagem das coisas. Os mares, os rios, as montanhas que até aqui se estudavam raramente, devem ter uma fisionomia individual, tomar vida no espírito dos alunos.

É preciso considerar as montanhas como seres vivos, pois têm nascimento, crescimento, velhice e morte que pode ser mais ou menos lenta conforme a sua natureza é granítica, calcária, etc. Os rios têm igualmente a sua individualidade e nada há mais variado que os seus caracteres. Deve-se indicar a sua utilidade, enriquecendo as planícies por onde correm e o desenvolvimento que dão às indústrias e comércio, como sucede na Inglaterra, enquanto que outros, correndo em barrancos profundos como os do Planalto de Castela, não têm utilidade alguma. O mesmo se diria das costas e dos mares.

A base do ensino geográfico deve ser um conhecimento sólido e racional da geografia física. O primeiro lugar deve ser dado ao relevo; é ele que determina os outros fenómenos. Este estudo do relevo deve ser entendido no seu sentido mais largo, compreendendo o das montanhas, o dos vales e o das planícies com seus variados aspectos. É preciso mostrar os diferentes massiços aos alunos, quer para dar uma ideia geral da configuração de uma região, quer para explicar a distribuição das águas, como sucede com o Planalto de Waldai e com os Alpes, os mais importantes centros de dispersão das águas na Europa.

Entre a orografia e a hidrografia há um laço necessário: é o estudo do regime das chuvas, ou em termos menos científicos, a explicação das causas que determinam a distribuição das águas provenientes das chuvas e a formação dos rios.

No estudo dos terrenos o professor preocupar-se-á menos com a sua constituição e idade, que com a influência que exercem sobre o curso das águas.

Ao estudar a hidrografia temos de atender a que conhecer a direcção de um rio não é conhecer o rio. E' preciso considerar a

rapidez do seu curso, a regularidade da sua evaporação, a frequência das suas cheias e inundações, a forma do seu leito, a natureza do terreno por onde corre, a sua alimentação, a orientação e aspectos do seu leito, finalmente o que se poderia chamar acidentes da sua viagem, os prejuízos ou benefícios que pode causar e o seu estuário ou delta. Aplicar-se-á o mesmo processo no estudo das costas e dos mares.

Na Geografia física há ainda um capítulo importante a tratar e que serve de transição para passar à geografia económica e política — é o consagrado à climatologia. Reduziremos o significado desta palavra, que tem um sentido bastante amplo para o nosso ensino, às suas justas proporções. Pouco se aproveitaria em demorar-se na classificação, sempre um pouco artificial, dos climas locais; mas na distinção entre os climas húmidos e secos, temperados e excessivos, com a razão das suas diferenças; e nas linhas isotérmicas, isto é, que têm a mesma temperatura média.

Geografia económica. — A primeira coisa a fazer é colocar o produtor no seu meio natural e pôr bem em evidência o laço que liga os factores económicos aos fenómenos físicos. Para a produção agrícola convirá limitar-se aos vegetais que são caracterizados pela altitude, pelo clima, pela natureza do solo ou àqueles que constituam essencialmente a riqueza de um país. Os arrozais da Lombardia fazem lembrar os do Ganges e explicam-se pelos mesmos agentes físicos.

Para a indústria uma explicação racional será muito útil também; mencionar os materiais que o solo, o reino vegetal, e o reino animal fornecem ao homem e a sua transformação em vista das diferentes necessidades da sua existência.

O estudo da geografia comercial é, em suma, o dos grandes mercados, produtos que se trocam e vias de comunicação que os servem.

A importância destes grandes mercados, marítimos ou outros, é sempre determinada por condições físicas que o bom professor saberá explicar. Quanto aos caminhos e meios de

comunicação, canais, caminhos de ferro, linhas de navegação, telégrafos, o professor será sóbrio; referir-se-á ao principal.

Será de grande importância fazer em lugar à parte referência às grandes invenções e criações que atestam, na nossa época, um grande desenvolvimento da actividade e ousadia humanas, como — o saneamento dos pântanos, o perfuramento de montanhas, o corte de istmos, os caminhos de ferro transcontinentais, o caminho de ferro transcaspiano e o transiberiano, os grandes transatlânticos, a navegação aérea, e o estudo da energia atómica e suas variadíssimas aplicações. (¹)

Finalmente duas coisas ainda devem ser particularmente recomendadas em Geografia: as viagens e as comparações. Comparar, por exemplo, dois rios. As redacções também são bastante úteis, tiradas da geografia, como, por exemplo, as vantagens e inconveniências dos rios, dos ventos, etc.; o homem na sua luta com a natureza; as vias de comunicação e suas vantagens.



(¹) — O recente e já tão grande desenvolvimento da Física Nuclear, a ciência do futuro, faz prever uma revolução profunda na vida da Humanidade, principalmente, sob os aspectos militar, político, económico e médico-cirúrgico (conservação e prolongamento da vida do homem). E', sem dúvida, a mais importante descoberta do espírito na sua ilimitada e constante ansiedade de desvendar os insondáveis mistérios da Natureza, superior, portanto, à do fogo, da máquina a vapor e das aplicações de electricidade e que marcará, como estas, uma nova era na vida humana.

Estudo Regional de Portugal

Portugal no seu aspecto físico é muito diferente de outros países que, pela sua superfície ou pela população, se lhe comparem.

Tem solos de todas as idades geológicas, altitudes variadíssimas, formas arquitectónicas diversas, paisagens de prados e de estepes, vizinhos do mar relevos de estrutura complicada e planícies de transgressão fácil, periferia de escarpas agudas a seguir a degraus de pendor suave, flora europeia, ibero-mediterrânea, marroquina e indígena.

Além da multiplicidade de aspectos destes caracteres sistemáticos, veem-se individuações regionais que implicam diversidade de aptidões.

O polimorfismo regional, influenciando no carácter nacional, é merecedor de um estudo minucioso.

Temos que chegar a pequenas sínteses geográficas; precisamos relacionar o solo, estrutura, cicatrizes e modelado com os agentes externos, procurar os motivos das particularidades locais, saber como elas actuam sobre a vida, quais as consequências que derivam das suas linhas fisionómicas, indagar as relações de contiguidade e continuidade das diversas peças da sua arquitectura, saber como o homem, na sua vida colectiva, se subordina a todas essas forças, quais as circunstâncias físicas que influem nos seus movimentos, encontrar finalmente as relações lógicas que explicam a fisionomia física e social dum:a região.

Para fazermos geografia regional temos que atender à geografia no tempo e no espaço e às leis que presidem em cada uma delas.

Antigamente fazia-se o estudo isolado das montanhas e planícies de uma região sem se chegar ao estudo do homem, animais e plantas.

Hoje faz-se o estudo da geografia regional pelas investigações. Não podemos fazer um estudo seco, precisamos de relacio-

nar a região com as terras próximas em todos os pontos de vista. É-nos preciso saber aplicar o critério genético da geografia a este estudo.

Fazendo o meu trabalho sobre geografia regional, escolhi para exemplo o meu concelho, e o que faço sobre este podia fazê-lo sobre qualquer outro.

Neste estudo precisamos não esquecer as unidades morfológicas (células da Terra segundo a classificação de Penck): montanha, vale, planície, escarpa, depressão e caverna, bem como os rios, que, embora constituam uma individualidade própria, estão relacionados entre si por continuidade, contiguidade e associação.

O rio, por exemplo, tem o seu nascimento, a sua juventude, a sua velhice e a sua morte; é, pois, uma individualidade, um ser; todavia está dependente do solo, da forma e natureza do relevo, da sua composição, das condições climáticas e de muitas outras.

Em Geografia, como em qualquer outra ciência, tudo se liga e se relaciona; nada há isolado. E' por isso que o seu estudo se torna cada vez mais difícil e complexo, indo buscar às outras ciências aquilo de que mais carece. Isto, porém, não quer dizer de modo algum, que a Geografia seja uma ciência enciclopédica, como alguém pretende; mas uma ciência que, no seu vastíssimo campo, abrange assuntos relacionados com outras ciências. Mesmo, porque não há ciência completamente independente, todas são ramos ou divisões de uma mesma Ciência, visto haver uma só Realidade que pode ser considerada nos seus diversos aspectos e daí os variados ramos da ciência e as íntimas relações que existem entre eles, como ramificações de uma mesma árvore.

O CONCELHO DE BARCELOS

O concelho de Barcelos, um dos maiores do País, pois compreende oitenta e nove freguesias, é limitado pelos concelhos de Esposende, Póvoa de Varzim, Famalicão, Braga e Viana do Castelo, e tem de superfície 375 kms².

A sua sede é a cidade de Barcelos, situada na margem direita do rio Cávado, a doze quilómetros a montante da sua foz e a dezassete de Braga.

Nada se sabe ao certo relativamente à sua origem. A opinião dos historiadores difere. Uns atribuem a sua fundação ao general cartaginês Amilcar Barca, outros aos Romanos, outros ainda aos Galo-Celtas. Foi reedificada talvez pelos árabes e posteriormente por D. Afonso Henriques (1140), que lhe deu foral, confirmado por D. Sancho I. Mais tarde D. Manuel concedeu-lhe novo foral (1515).



VISTA DE BARCELINHOS E RIO CÁVADO

Foi a primeira terra de Portugal elevada a condado por D. Diniz (1298) que o deu a seu mordomo-mór, D. João Afonso Telo de Menezes. O sétimo conde de Barcelos foi o condestável D. Nuno Alvares Pereira, que aqui se fixou e cuja residência com as respectivas armas ainda se conserva. Foi elevada a ducado por D. Sebastião (1572) e a cidade em 1928.

Além de sede do concelho é comarca de primeira classe. O seu nome, segundo a opinião mais seguida, deriva de Barca-Celi em razão de uma barca de passagem que servia para atravessar o rio Cávado que então se chamava Celeno. Aqui muito se distinguiu Nuno Gonçalves, alcaide do Castelo de Faria, sacrificando a vida pela Pátria e foi berço do grande português e missionário, D. António Barroso.

Pela sua posição topográfica, Barcelos é indubitavelmente uma das principais povoações do País e a mais importante do distrito de Braga. Possui valiosos monumentos, alguns deles históricos como: o templo do Bom Jesus da Cruz, Torre de Menagem, o Paço dos Condes Duques, a Igreja Matriz, o Solar dos Pinheiros, Casa do Condestável e o Monumento a D. António Barroso. (1)

(1)—D. António José de Sousa Barroso foi Bispo do Porto e uma das figuras mais insígnies da Igreja. Nasceu em 5 de Novembro de 1854 e faleceu em 31 de Agosto de 1918. Era natural de Remelhe, freguesia deste concelho, onde se encontra depositado o seu corpo, num Jazigo Capela, que o povo venera como o de um Santo.

Geografia Física do Concelho

O solo. — Sua constituição geológica

O terreno é primário e de aluvião. A parte norte da cidade assenta sobre plioceno e a parte sul sobre granito e, onde há terrenos diferentes, há fracturas de desnivelamento. É devido a esta junção de terreno de natureza e épocas diferentes que se explica o sentirem-se por vezes aqui fenómenos sísmicos. Próximo da cidade encontra-se siluriano superior. O plioceno existe em várias partes próximo do Cávado, desde a foz até ao Homem, seu afluente principal e próximo de Milhazes a Norte e a Oeste.

Entre Barcelos e Braga, prolongando-se para o Norte, depara-se-nos o cambriano. O plioceno e o silurião seguem a direcção N/S aproximadamente. A carta geológica diz-nos que o sub-solo contém granito, diorites e pórfiros. Segundo a mesma carta, é atravessado por uma faixa silúrica no sentido N.O./S.E. No litoral encontram-se terrenos terciários e quaternários. Há também jazigos fósseis. Os xistos e alguns gneisses aparecem em diversas partes, intercalados nos granitos ou encostados a esta rocha dos terrenos de efusão, (de emergência evidentemente posterior ao depósito xistoso), dos quais há muitos e grandes calhaus em quase todo o concelho.

Sítios há onde estas rochas apresentam quase todas as formas de que o granito se reveste, constituindo inteiramente longos tractos de terreno de aparência mais ou menos agreste, mas sempre interessante.

Existem também diversas argilas e calcáreos ordinários. O granito é largamente empregado em edificações e calçadas. Muito se assimila ao mármore pela alvura do feldspato e finura do grão da mica.

Nas margens do Cávado encontram-se águas sulfurosas e férreas.

Na margem direita temos as águas sulfurosas de S. Martinho de Galegos, Lijó, Penedo do Enxofre, Mariz e S. Cláudio de Curvos; na margem esquerda há na Pouza águas sulfurosas; em Barcelinhos, duas fontes de águas férreas (a Fonte do Galo e a dos Lavadouros); em Paradela, águas sulfurosas, e em Laundos águas férreas. As únicas exploradas são as de S. Martinho de Galegos e Lijó. Estas ficam a cinco quilómetros de Barcelos e são usadas para o tratamento de doenças da pele.

Hipsometria — Relevo

O Concelho de Barcelos, sob o ponto de vista hipsométrico, é de fracas altitudes, sendo estas maiores ao Norte e a Leste. As maiores elevações, que não atingem 500^m, são ramificações da Serra do Gerez que se prolongam para sudoeste, encontrando-se por todo o Concelho vários montes dispersos e separados por pequenas planícies e vales, delas provenientes.

O relevo, que pertence ao sistema Galaico-Duriense, ora segue a direcção Nordeste-Sudoeste como o referido sistema, ora Norte-Sul. À medida que se aproxima do Mar vai diminuindo de altitude de maneira que, caminhando-se do Oceano para o interior, apresenta a forma dum anfiteatro.

Os terrenos são, uns de formação primária que, em virtude da acção erosiva e constante dos agentes modeladores externos, apresentam formas bastante arredondadas (peneplanos), outros são de formação mais recente, secundária e terciária e até quaternária (terreno de aluvião), resultantes da acumulação de detritos entre as várias ramificações do relevo, formando vales e planícies. É, graças à sua magnífica situação e favorável exposição, relacionadas com a natureza do solo que estes terrenos são os mais ricos em elementos fertilizantes e, consequentemente, os mais produtivos.

O revestimento dos montes é constituído por pinheiros bravos, carvalhos e alguns sobreiros, vegetação frondosa, excepto

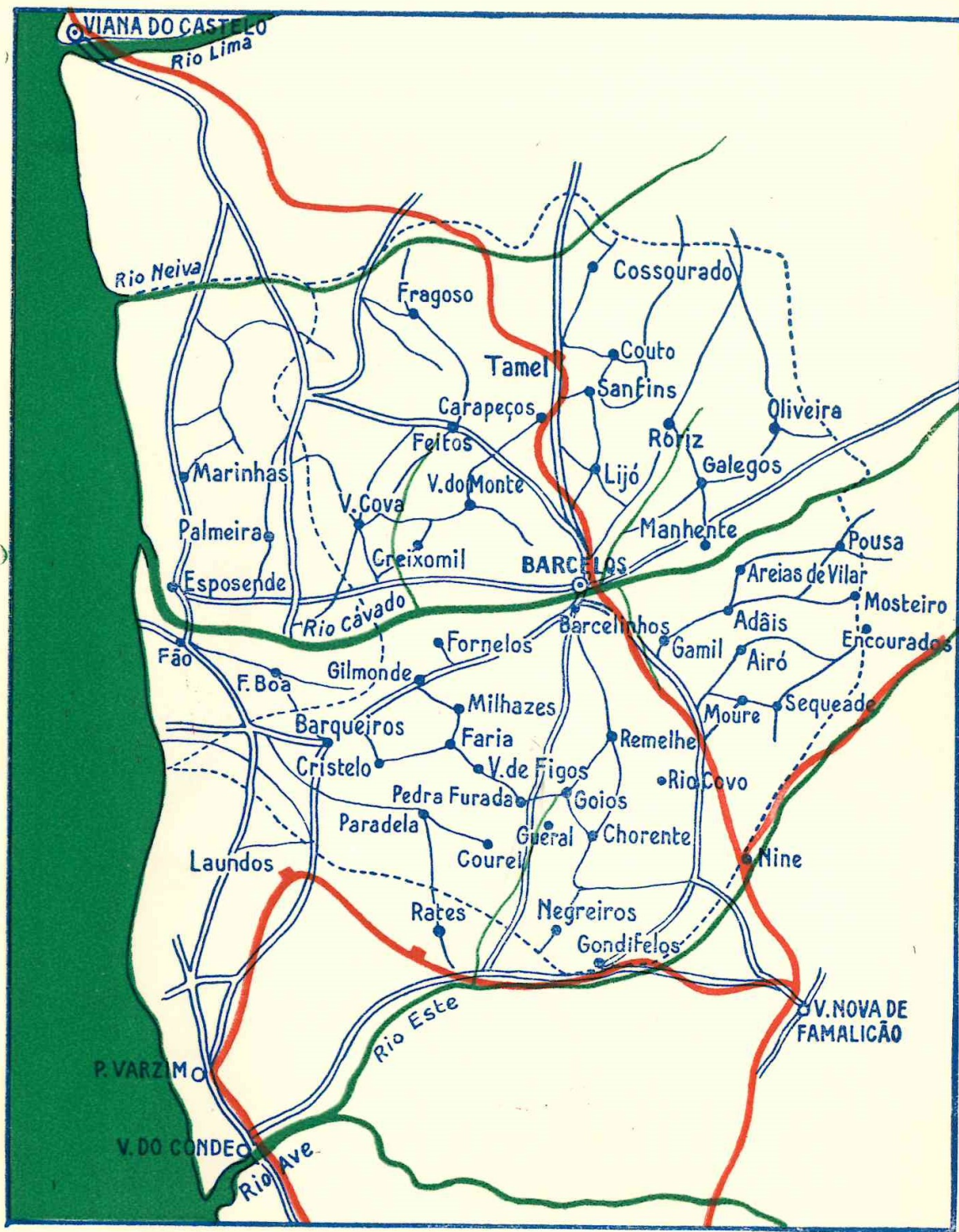
no cume de alguns onde se notam afloramentos de blocos graníticos por entre os quais se assinala a existência de pinheiros raquíticos e arbustos, como se verifica em Feitos, Carapeços, Airó e Franqueira. (1)

Na era terciária a Meseta Ibérica, a que pertence o relevo, fendeu-se e as fendas encheram-se de detritos arrastados pelas águas das chuvas e pelos ventos, originando os vales sendo estes, portanto, de proveniência tectónica. Por eles deslizam arroios que com as águas, que se lhes juntam, se transformam em ribeiros o que, além de os tornar aprazíveis, muito concorre para que as terras por eles irrigadas sejam as melhores do Concelho.

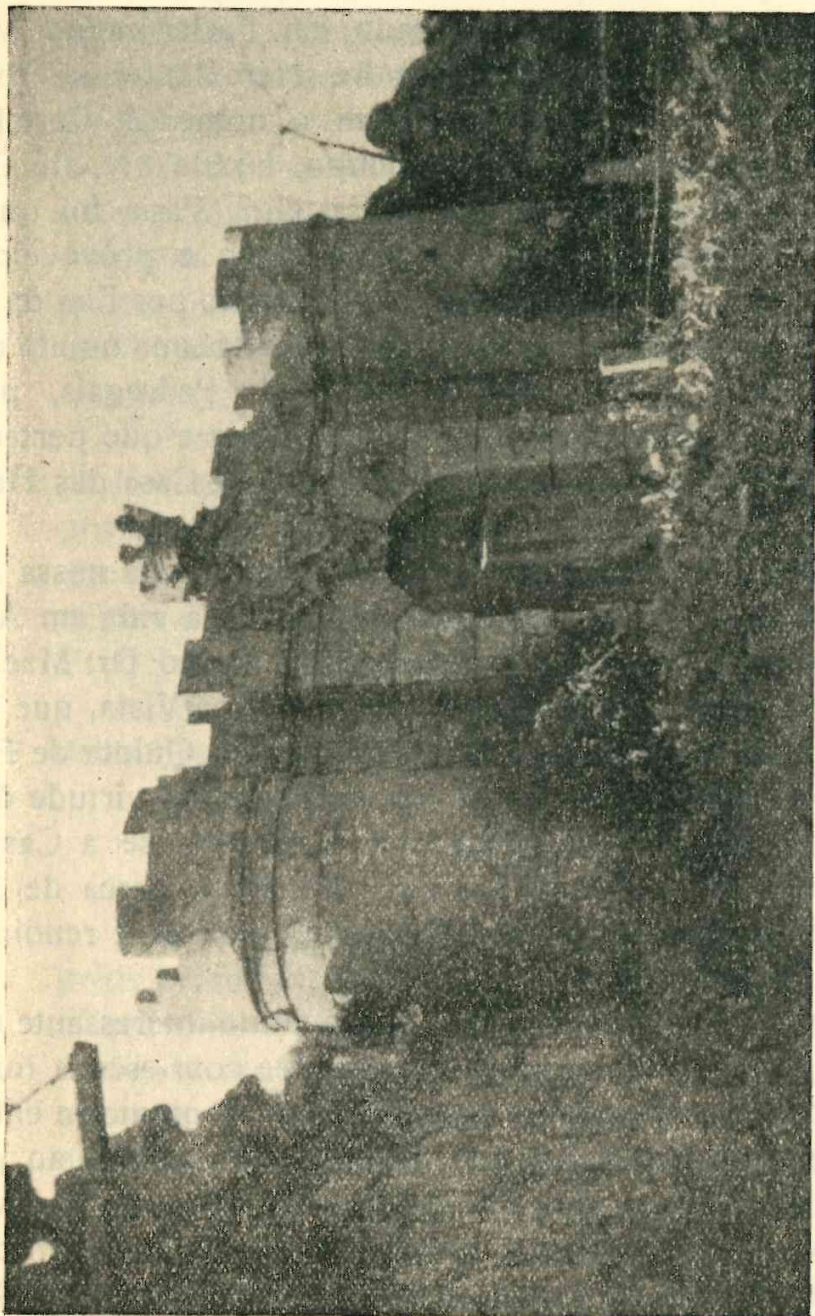
(1)—No monte Franqueira existem as ruínas do histórico Castelo de Faria em cuja defesa lutou e sacrificou a vida para o salvar da cobiça dos inimigos, o seu alcaide, Nuno Gonçalves, quando sitiado pelos castelhanos no reinado de D. Fernando, (Alexandre Herculano, *Lendas e Narrativas*). Aqui existe também uma Ermida fundada, diz-se por Egas Moniz (séc. XII) erigida em honra de Nossa Senhora da Franqueira muito venerada pelos povos circunvizinhos. No altar-mór da Ermida encontram-se algumas colunas de mármore, assim como uma finíssima mesa de jaspe que serve de ára ao referido altar, trazidos de Ceuta, segundo a tradição, por D. Afonso, 8.º Conde de Barcelos, e primeiro duque de Bragança.

E' um lugar muito ameno e oferece-nos um panorama amplo e encantador, digno de ser apreciado.

O CONCELHO DE BARCELOS



MAPA DO CONCELHO



PORTAL DA QUINTA DE PEDREGAIS

O Castelo de Faria

O castelo de Faria foi edificado em Faria ou no Monte Franqueira, segundo afirma Alexandre Herculano? se foi no Monte Franqueira, por que lhe deram o nome de Castelo de Faria? Faria estender-se-ia naquele tempo, século XIV, até abranger o local onde foi construído o Castelo? Faria foi outrora povoação importante. Foi sede dum julgado e provavelmente vila, sendo ainda um dos seus lugares conhecido por Fim da Vila. No centro da freguesia e próximo da Igreja há uma quinta denominada em documentos oficiais — Quinta de Pedregais, porém mais conhecida por Quinta do Castelo de Faria e que pertenceu, até meados de século XIX, à Família Roby, da Casa das Hortas, em Braga.

Um membro desta família e distinto oficial da nossa Marinha que, juntamente com um irmão, sacrificou a vida em África, enobrecendo-se e honrando a Pátria, declarou ao Dr. Machado, advogado em Braga e morador na Rua da Boa-Vista, que todas as suas economias se destinavam a recuperar a Quinta de Pedregais, aspiração que não chegou a ver realizada em virtude da sua morte prematura. Porque tão grande interesse, se a Casa das Hortas, posto que então já bastante decadente, cerca de 1907, estava rodeada de magníficas quintas em extensão e rendimento que lhe pertenciam?

O portal da Quinta de Pedregais é muito interessante e sem igual no País. Tem de cada lado uma torre com escada interior em forma de caracol que, na parte superior, comunicam entre si. São circulares e encimadas por ameias. Sobranceiras ao portal encontram-se as armas dos Farias (?) com a flor de lis e vários castelos, sobreponde-se-lhes uma coroa ducal (?), tudo em pedra.

Quem entrasse via à esquerda as cavalariças e do lado direito uma sepultura em pedra sem cobertura, existindo outra igual junto da Igreja.

Donde vem o nome de Quinta do Castelo de Faria? Teria existido, como é de tradição, um Castelo ou torre de Menagem dentro dela que fosse demolida e com a pedra se fizesse o muro,

em parte, duma outra quinta, que comunica interiormente com a de Pedregais, chamada do Paço ou Campo do Paço, no qual se encontram pedras que serviram de couceiras ou ombreiras a portas ou janelas? Donde provém o nome de Quinta ou Campo do Paço?

O erudito investigador e genealogista Senhor José de Azevedo e Menezes, da Casa de Vinhais, Vila Nova de Famalicão, publicou há cerca de 50 anos um livro "Ninharias" em que, procurando refutar a afirmação de Braancamp de que os Farias eram recentes, inseriu a árvore genealógica dos Farias, provando que estes já existiam no séc. XIV.

Porque faz nela referência a Nuno Gonçalves e à Quinta de Pedregais com uma gravura do portal? Teria pertencido esta propriedade a Nuno Gonçalves ou a alguém da sua família de quem os Robys, que também se assinavam Faria, se julgavam descendentes e daí o interesse em reaver esta propriedade — seu antigo Paço-Solar? Que se pode deduzir do exposto? Dadas as premissas e estando certas a conclusão é fácil. Devem estar certas porque delas tive conhecimento directo.

Hidrografia

O rio Cávado, um dos mais belos do País, era conhecido pelos primitivos habitantes da Península pelo nome de Celeno de "Caeli-amnis" (Rio do Céu). Nasce na serra do Larouco, corre junto de Montalegre e segue a direcção NE. — SO. O seu percurso é de 118 quilómetros e atravessa todo o Concelho, pelo qual se estende, ainda ao sul, parte da bacia do Rio Este, afluente do Ave, e ao Norte, parte da bacia do Rio Neiva.

No seu curso superior e médio segue através de regiões montanhosas (rio de montanha) e o seu leito é aqui mais estreito e profundo; no curso inferior é mais largo e menor a profundidade, podendo considerar-se rio de planície, nesta parte do seu curso, e portanto navegável, mas sendo pequeno o caudal e sendo o leito cortado, onde a onde por açudes, não se lhe pode atribuir grande valor, como via fluvial.

É, porém, de tradição que os Romanos fizeram sair e entrar no pequeno porto de Esposende, junto da sua foz, o único do distrito de Braga, as suas armadas, levando nelas, muitas vezes, os metais que extraíam das terras do Norte. É preciso notar que, se hoje tal facto não era possível devido à pequena profundidade do porto, em consequência do assoriamiento, embora com suficiente largura, é admissível que naquele tempo fosse acessível a pequenas embarcações.

A bacia do Cávado, cuja superfície é de 1.380 quilómetros quadrados, números redondos, é limitada ao Norte pelas serras Amarela, Gerez e Larouco e ao Sul pelo Planalto de Barroso, serras da Cabreira, Oliveira e Airó.

São seus afluentes principais, da margem direita o Homem que nasce na serra do Gerez e conflue no vau do Bico e, da margem esquerda, o Rabagão vindo do Planalto de Barroso. O leito do Cávado é um vale de fractura, modificado pela corrente, assim como o da maior parte dos rios da Península.

Valor económico — Como todos os rios fomenta, mais ou menos, as regiões que percorre, quer permitindo a existência de pequenas indústrias — descasque do linho e moagem, quer irrigando as terras marginais, suavizando o clima, fornecendo saborosos peixes e energia eléctrica para iluminação pública e particular das cidades de Braga e de Barcelos e ainda de várias aldeias dos referidos concelhos. Nele se construiu recentemente a Barragem Hidro-Eléctrica do Cávado, uma das mais importantes do Norte do País, de incalculável importância económica.

Clima e paisagem

Todo o Concelho de Barcelos tem, em geral, clima ameno e saudável. A temperatura média anual é de 12.º a 15.º, conforme o relevo. As precipitações pluviométricas anuais, no Inverno são, aproximadamente, 1.200 a 2 000 milímetros; no Estio, 80 a 200 milímetros, humidade atmosférica 70 a 100%; variações máximas 3 ° a 38.º.

As causas que produzem este clima são: a latitude, a altitude, a proximidade do mar, portanto sob a influência dos ventos húmidos do W; grande ventilação dos seus vales, a grande linha de condensação formada pelas serras situadas a Leste e, finalmente, a orientação do relevo.

Porém a disposição do terreno, sua natureza, latitude, vegetação, e o homem, além de outras circunstâncias, originam modificações climáticas nas diversas localidades.

Assim, em consequência da latitude, 41.º N. e nada tendo que as defenda dos ventos frios do Norte, os invernos, principalmente durante o mês de Janeiro, são, por vezes, bastante rigorosos com neblinas e geadas frequentes em detrimento das forragens e plantas hortenses; mas isto não obsta a que a paisagem se apresente viçosa nos montes e nos vales durante a Primavera e o Estio e que as videiras, cobertas de pampas, trepando pelas árvores, como trepadeiras que são, e cingindo campos de milho, ofereçam ao espírito impressão muito agradável

Fauna terrestre e fluvial

Fauna — é o conjunto de animais que nascem e vivem em determinada região. Estes animais, uns são domesticados e outros selvagens.

Entre os animais domésticos sobressaem, no Concelho de Barcelos, as espécies bovina, lanígera e suína. Dos bovinos predomina a raça barrosã e dos suínos a beiroa. Estas três raças, bastante espalhadas pelas diferentes freguesias, constituem importante riqueza. A bovina como auxiliar do homem no trabalho, pela carne, pelo estrume para as terras, pela criação e pelo leite, sendo principal produtora deste a turina, de origem holandesa, introduzida em Portugal no século passado e da qual existem no Concelho magníficos exemplares.

A falta de prados naturais obsta, porém, a que a criação de gado bovino tenha maior desenvolvimento o que, se fosse possível, seria da maior conveniência.

A lanígera fornece a carne, a lã e o estrume e a suína

principalmente a carne que, após a engorda, é destinada ao governo da casa de lavoura pelo grande consumo que tem na alimentação da família, compreendendo esta criados e jornaleiros, cujo número varia segundo as terras de cultivo que possui o lavrador.

As raças cavalar, muar e asinina quase não merecem menção.

Dos animais selvagens encontram-se raposas, lebres, coelhos, texugos, toupeiras, morcêgos e o ouriço-cacheiro. Destes são prejudiciais as raposas, os texugos, em parte os coelhos, as lebres e a toupeira e úteis os morcêgos e o ouriço-cacheiro.

As *aves* umas são domésticas como a galinha, o pato e o peru, outras não domésticas, mas úteis, a lavandisca, a felosa e a perdiz. São prejudiciais o melro, o pardal, o gaio, a pêga, o milhafre, etc.. Além destas temos aves que emigram e úteis como o cuco, a rôla, o tordo, a andorinha, a poupa e a codorniz.

Como principais *répteis* existem lagartos, cobras e víboras; batráquios — a rã, a salamandra e o sapo sendo este muito útil.

Insectos úteis -- a abelha, produtora da cera e do mel tão apreciado e nocivos a mosca e o mosquito, transmissores de muitas doenças, o moscardo, a vespa e a formiga.

Na *fauna fluvial*, não muito abundante, mencionaremos algumas enguias, trutas e lampreias principalmente no rio Cávado.

Flora

E' o conjunto de vegetais que nascem e vivem em qualquer região, cujo clima lhes é favorável, variando com este.

Há várias espécies de vegetais que podemos dividir em *essências florestais*, *árvores frutíferas*, *plantas industriais* e *medicinais*.

Entre as *essências florestais* ocupa o primeiro lugar o pinheiro, não só pela grande extensão que ocupam os pinhais como pela sua utilidade para construções, fabrico de móveis e de

celulose, como combustível, e pela resina que serve para a preparação de ágüarrás e de pez louro, produtos de grande utilidade e exportação.

A seguir vem o carvalho, tanto roble como cerquinho, o sôbro, o eucalipto, o salgueiro, o choupo e o castanheiro com tendência a desaparecer nesta região.

Árvores frutíferas — A mais importante é, indubitavelmente, a videira cuja cultura se está desenvolvendo muito, seguindo-se-lhe a macieira, a pereira, a figueira, a laranjeira, a cerejeira, o pessegueiro, a ameixoeira, a noqueira, a oliveira e o castanheiro.

A pomicultura não tem, porém, interessado muito o agricultor por vários motivos entre os quais a propriedade não ser, geralmente, murada e os frutos tentarem os vizinhos e quem passa que, muitas vezes não se limitam a colhê-los como a prejudicar as árvores e, aquilo que devia dar prazer, origina, frequentemente, contendas e desgostos, o que é assás lamentável, pois podia ser importante fonte de riqueza desde que as árvores fossem tratadas convenientemente, tendo em vista os saborosos frutos, ricos em vitaminas e em elementos nutritivos que os torna muito procurados e, por consequência, de fácil venda.

Plantas industriais — Citaremos como mais importantes, além do pinheiro e da videira, o linho ⁽¹⁾ cuja cultura, infeliz-

(1) — A cultura do linho teve bastante desenvolvimento até principios deste século e os tecidos dele provenientes, fabricados em teares caseiros, sendo rara a casa de lavrador que os não possuísse, constituíam importante factor económico. Com eles se faziam panos para lençoes, toalhas de mesa e de rosto e camisas duma alvura e frescura inexcedíveis. O bragal, recolhido em caixas, era um verdadeiro tesouro pelo qual se avaliava, muitas vezes, a fortuna do lavrador. A grande indústria textil, sobretudo a algodoeira, lançando no mercado os seus produtos por preços relativamente baixos, foi a causadora da decadência desta importante indústria rural, que tende a desaparecer e com ela as espadeladas, sendo os tecidos de linho substituídos pelos de algodão com os quais aqueles nunca poderiam concorrer por seu fabrico ficar muito dispendioso.

mente, tem diminuído bastante, o sobreiro, que não é muito abundante, a nogueira, a oliveira e o castanheiro.

Plantas medicinais— Há no Concelho o sabugueiro, a laranjeira, o eucalipto, a nogueira, a erva cidreira, a salsaparrilha e o linho (semente).

População — Esta era, em 1890, de 45.322 habitantes, aglomerando-se mais nas seguintes freguesias :

Barcelos (Santa Maria)	3.327
Barcelinhos (Santo André) . . .	1.058
Barqueiros (S. João Baptista). . .	888
Fragoso	1.105
Vila Cova (Santa Maria)	1.179

Em 1900 tinha o concelho 49.381 habitantes cuja acumulação era maior em :

Barcelos	3.530
Barcelinhos	1.167
Barqueiros	1.011
Fragoso	1.059
Vila Cova	1.028

Pelo confronto dos dois «censos» 1890 e 1900, vê-se que a população aumentou em geral; todavia há freguesias em que diminuiu como em Vila Cova e Fragoso; aumentando noutras como em Barcelinhos e Barqueiros. A densidade era em 1890, de 120 habitantes e em 1900 de 131.

O total dos óbitos em 1895 foi de 810 e o dos nascimentos de 1.265. Diferença para mais, nos nascimentos, de 455.

Segundo o «censo» de 1912 a população do concelho avaliava-se em 51.343 h., sendo a sua densidade, cerca de 137.

Segundo o «censo» de 1940 em todo o concelho havia 68 148 h. a que corresponde a densidade de 181 e assim distribuidos por algumas freguesias:

Barcelos	4.780
Barcelinhos	1.901
Barqueiros	1.365
Cristelo (S. Salvador)	1.193
Faria (Santa Maria).	447
Vila Cova	1.620

Segundo o referido censo a população activa com mais de

10 anos era de	48.840
Trabalhadores agrícolas havia.	11.722
Sabiam ler	24.214
Analfabetos	43.934
Órfãos	983
Alienados	177
Católicos.	66.752

Em 1950 havia 74.725 h. com a densidade de 199, assim distribuidos por algumas freguesias:

Barcelos	4.718 ⁽¹⁾
Barcelinhos	1.990

(1) — A diminuição da população na cidade, durante o período decorrido entre 1940 e 1950, segundo o último «censo», só se pode explicar pela emigração ter sido maior para outras cidades ou para o estrangeiro, tanto mais que a população indicada é a residente e não a nata, no momento do recenseamento. Ou ainda em consequência da Guerra Mundial de 1939-1945; posto que nela não tivéssemos entrado, houve deslocamento de tropas para mantermos a nossa neutralidade no Ultramar, o que originaria perda de algumas vidas, tanto mais que a diminuição da população coincide com um maior número de orfãos, 983, segundo o «censo» de 1940 e de 1410, conforme o «censo» de 1950, diferença, pois, para mais de 427.

E' preciso, porém, notar que na data do recenseamento estavam temporariamente ausentes 106. Em todo o concelho, 1.484.

Barqueiros	1.560
Cristelo	1.399
Faria	556
Vila Cova	1.793
Fragoso	1.652

Segundo o mesmo "censo":

Sabiam ler	34.740 ⁽²⁾
Analfabetos	39.985
Católicos.	74.626
Orfãos.	1.410
Cegos	82
destes sabiam ler	21
viviam de esmola	9
e da assistência.	3
Surdos mudos	90
sabiam ler	19
viviam de esmola	3
Famílias agrícolas	7.365
População presente, de 12 e mais anos, com profissão.	27.789
Com ocupação	21.674
Desempregada	585
Inactiva	1.024
Inválida	1.108

Movimento da população

A sua aglomeração mais numas freguesias do que noutras, é devida a várias causas como: a riqueza e condições do solo, clima, vias de comunicação e sua situação.

O tipo de povoamento é o disperso ou disseminado que se

(1) — Destes havia 211 com ensino superior.

caracteriza pelo afastamento das habitações ou em pequenos grupos, geralmente junto das estradas.

Emigração e suas causas

Em 1907 a emigração no concelho foi de 381, sendo 344 varões e 37 fêmeas. Esta fez-se principalmente para o Brasil e hoje faz-se para o Brasil, Províncias Ultramarinas, Estados Unidos, Canadá, Venezuela e também dos campos para as cidades e outros concelhos ou províncias. ⁽¹⁾

A principal causa é um conjunto de circunstâncias económicas incompatíveis com a sua permanência nas próprias regiões. Outras, porém, são o progressivo aumento de população e aspirações ambiciosas. Para todo o norte, abstraindo das divergências regionais, devemos ter como certo que o motivo poderoso, dominante que propulsa a emigração, reduz-se, em último caso, à deficiência dos recursos, sobretudo das subsistências para uma população rural que cresce progressivamente. Quem emigra, principalmente, escusado será dizer, é o pobre jornaleiro sem terra e os pequenos proprietários arruinados. A emigração considerada de qualquer forma, é sempre um mal para o País e mormente para a agricultura nas condições em que se encontra a nossa, facto que deve merecer a atenção dos governos, porque os enérgicos, os mais decididos e robustos, são os que se resolvem a sair. Não se imigra só por se viver pior. Emigra-se também porque se vai procriando muito saudavelmente; porque subsiste o espírito aventureiro e o desejo de viver melhor e porque, tendo-se abandonado a lavoura a si própria, esqueceu-se que é na agricultura que está ainda a principal fonte de riqueza de Portugal tanto continental como ultramarino e que a sua decadência se reflecte intensamente na vida nacional.

As suas condições agrológicas bem aproveitadas, além de

(1) -- A emigração deve, porém, ser orientada, tanto quanto possível, para as nossas Províncias Ultramarinas e não para o estrangeiro, onde vai valorizar terras que não nos pertencem, quando o Ultramar necessita de bons operários.

muitas outras, bastariam para sustentar uma população não só de nove milhões de habitantes, mas até de onze e talvez mais.

Vida rural

O homem do campo, de temperamento bastante afectivo, cedo procura constituir família, tendo esta por base o casamento, sacramento estabelecido pela Igreja e fortalecido por laços materiais e espirituais, que o tornam indissolúvel e assim o consideram, sendo quase nulo o número dos que vivem divorciados (1)

O chefe da família, verdadeiro patriarca, impõe a sua autoridade a todos os seus membros cujos interesses defende e promove, dentro do possível, o seu bem-estar material e moral. Dotados de louvável espírito religioso, que se transmite de geração em geração, os pais procuram dar aos filhos, 6 a 12 e mais, uma educação tão esmerada quanto lho permitem os seus conhecimentos essenciais à formação do espírito e dignificação do homem.

Assim, esforçam-se por cumprir os preceitos impostos pela religião, guardando escrupulosamente os dias santificados e rezando em família o terço depois da ceia.

O ideal do lavrador é, geralmente, que um dos seus filhos siga a vida eclesiástica, o que nem sempre sucede por falta de vocação, pois, sem esta, tal profissão seria um desastre. Por isso sucede que o aspirante ao sacerdócio, ao atingir ou mesmo no meio da formação da sua personalidade desista e, não querendo regressar à vida do campo, procura empregar-se. O mesmo está sucedendo com aqueles que, tendo o exame da 4.^a classe, preferem ir para a cidade do que dedicarem-se à lavoura por injustamente a considerarem profissão humilhante e nada compensadora.

(1) — O casamento é precedido do namoro, que principia pela simpatia despertada mutuamente entre jovens.

Como nos dias de trabalho este não lhes permite conversar, utilizam para esse fim, os domingos, as feiras e as romarias. É frequente terem mais que um namorado ao mesmo tempo, dando mais tarde preferência a um que se impõe, geralmente pelas suas qualidades ou haveres ou até por simples amizade.

Os filhos dos agricultores, normalmente, seguem a porfissão dos pais, ajudando-os nos trabalhos dos campos e, só excepcionalmente, procuram a carreira comercial, emigram, enveredam por qualquer outra arte ou ofício ou vão servir, como criados de lavoura, noutras freguesias dentro ou fora do Concelho.

O lavrador teve certa aversão à vida militar o que o levava a fazer todos os sacrifícios e recorrer a todos os meios para que o filho fosse isento. Como hoje isso não é fácil conseguir-se, vai-se conformando. Tem o espírito de economia, lembrando os primitivos agricultores romanos. A sua aspiração é, não só conservar a herança que recebeu dos pais como, sendo possível, transmiti-la ampliada aos filhos. É austero, engenhoso, activo e alegre. Depois dum trabalho rude e extenuante é frequente vê-lo regressar a casa formando côros. O próprio trabalho é executado a cantar, como sucede nas espadeladas e nas desfolhadas, transformando-as em interessantes e alegres divertimentos nos quais tomam parte rapazes mascarados com ditos por vezes espirituosos, durante as quais se conservam incógnitos, menos ao dono da casa. O seu caracter alegre e folgazão revela-se ainda em danças, como o vira, característico do Minho, o regadinho, o malhão, a chula, a vareira, a ciranda e muitas outras. Tudo isto vem confirmar a conhecida frase francesa: — *«Les portugais sont toujours gais»*. É franco e a prova é que ninguém vai a casa dum proprietário, ainda que desconhecido, que lhe não seja oferecido pão e vinho, que é forçoso aceitar, o contrário seria tido como desconsideração. É caridoso, vendo no Amor de Deus e do próximo a essência da sua religião.

Tem também defeitos — é supersticioso, como são mais ou menos, todos os povos, até os que se consideram muito civilizados; algo ambicioso e talvez um pouco desconfiado.

Vive para a família e para o trabalho, findo o qual regressa a casa para descansar. As suas únicas distrações são as romarias às quais leva a família, muitas vezes para dar cumprimento a alguma promessa e as feiras, aproveitando a ocasião para tratar

na sede do Concelho, de assuntos respeitantes à sua vida particular ⁽¹⁾.

São dias tradicionalmente festivos: O da *Natividade* de Nosso Senhor Jesus Cristo e o da *Sua Ressurreição*. O Natal é, como em toda a parte, a festa consagrada à família. Neste dia reúnem-se todos os seus membros, embora se encontrem muito distantes e façam para isso os maiores sacrifícios. E' consolador ver a alegria que a todos anima e o prazer que experimentam com a narração de factos sucedidos durante a ausência dum ano ou mais. A expansão é sem limites e todos sentem o melhor bem-estar junto dos entes que lhe são mais queridos.

A habitual ceia do Natal, em que o bacalhau cozido com batatas nunca foi tão apreciado e comido com tanto apetite e satisfação, é reveladora da fraternidade que existe em todos os indivíduos do agregado familiar.

Com não menor contentamento é comemorado o dia da *Ressurreição*.

Aos dias tristes, durante os quais o Corpo de Cristo permaneceu na Sepultura, sucede-se o dia da *Ressurreição* tão ansiosamente esperado, sendo emocionante a alegria, que em todos se evidencia, quando os sinos dão o sinal da *Ressurreição*, à qual se segue, com maior ou menor intervalo a *Visita Pascal*, como complemento daquela, em que todos, novos e velhos, homens e mulheres fazem os melhores preparativos para receber Aquele a Quem tudo devem e consagram o Maior Amor. Na mesa coloca-se a melhor e mais branca toalha sobre a qual se vê o *folar* para o pároco, vinho, bolos ou pão de ló. A casa é

(1)— O seu temperamento é simultaneamente bilioso e nervoso, e um tanto sanguíneo. As suas feições são as dos povos da Europa Meridional e dos primitivos habitantes do Noroeste da Península dos quais se podem considerar representantes bem como dos povos que, vindos do Centro da Europa, por ocasião das grandes emigrações, aqui se fixaram. Sendo provenientes de gentes tão diversas, aparecem, como é natural, tipos diferentes: uns e estes em maior número, com olhos e cabelos castanhos, outros e em pequeno número, com cabelos e olhos claros, certamente descendentes da raça nórdica.

esfregada o melhor possível e à entrada espalham-se flores e plantas aromáticas.

Um grande pensador e filósofo — Dr. Leonardo Coimbra, já falecido, afirmou em conversa particular que nunca experimentara, na sua vida, maior emoção do que a que sentira, quando rapaz, numa visita pascal, fora incumbido de tocar a campainha, anunciadora da visita.

Entre as diversas festas que se realizam no Concelho sobresaem, pela sua imponentia e brilhantismo, as festas da Cidade — Festas das Cruzes que se efectuam nos dias 3, 4 e 5 de Maio, uma das mais importantes e mais antigas do Norte, visto com elas se comemorar o aparecimento milagroso das Cruzes, no Campo da Feira, no princípio do século XVI (1504).

Nestas festas tomam parte várias bandas de música das mais conhecidas e constam, geralmente, da Procissão da Invocação da Santa Cruz, concertos musicais, grande Feira Franca, arraial com cantares e danças, fogo de artifício pelos melhores e mais afamados pirotécnicos, terminando com fogo no Rio, encontrando-se este com as margens profusamente iluminadas o que oferece ao forasteiro um espectáculo surpreendente e de rara beleza.

Nestes dias festivos dirigem-se à Cidade milhares deromeiros e feirantes, uns, tendo em mira o negócio que nestes dias é excepcionalmente rendoso tanto para os comerciantes e estalajadeiros de Barcelos, como para os negociantes que de fora concorrem à Feira, sendo nesta ocasião que o comércio tem os seus melhores dias pelas compras e vendas que se fazem; outros, procurando apenas divertir-se — cantando, tocando e dançando.

Um dos números mais atraentes é a exibição de ranchos folclóricos. Barcelinhos possui um que, pela sua inteligente organização e direcção, pelos trajes genuinamente minhotos, formando um interessante conjunto artístico e com os seus bailados tanto antigos como modernos e danças regionais, pode rivalizar com os melhores do País e até do estrangeiro. Assim não admira que seja convidado, como foi já, a exhibir-se em concursos tanto nacionais como internacionais o que demonstra o seu apreciado valor artístico — honra da sua terra.

São ainda muito conhecidas e impõem-se pela concorrência dos forasteiros, graças ao local onde se realizam e pela devoção deste bom povo, as festas em honra de Nossa Senhora da Franqueira e de Nossa Senhora das Necessidades, estas em 7 de Setembro.

Costumes

O vestuário — É simples e modesto: consta de casaco, colete e calças, camisa vulgarmente de riscado (algodão) em substituição da antiga camisa de linho, chapéu de formato comum e sapatos, sendo já pouco frequente o uso de socos. No Inverno alguns homens trazem capote. No trabalho vestem a roupa mais grosseira, como não pode deixar de ser e que difere conforme a natureza do trabalho e a estação. As mulheres usam saia hoje curta e com pouca roda, blusa ou casaco e chinelas.

Aos Domingos e quando vão à feira ou à romaria vestem o



UM PORMENOR DA FEIRA DE BARCELOS

que tem de melhor tanto os homens como as mulheres. No Inverno as mulheres trazem chaile ou lenço traçado sobre o peito (1).

Alimentação — Esta é simples e sãdia, variando segundo as posses de cada um. Há geralmente três refeições — almoço, jantar e ceia. O almoço consta da tradicional malga de caldo com feijão e hortaliça acompanhado de algum presigo e broa; o jantar de caldo e um prato que difere conforme as circunstâncias: bacalhau assado ou cozido, batatas cozidas ou guisadas, arroz, macarrão ou toucinho. À ceia há apenas a malga de caldo.

No verão têm mais uma pequena refeição — a merenda. Todas as refeições nas casas dos proprietários são acompanhadas de vinho como bebida. Nos dias de abstinência usam caldo temperado com unto por ser insignificante a produção de azeite nesta região.

Atendendo a que o trabalho no campo é bastante pesado, exigindo o dispêndio de muita energia, esta alimentação não é suficiente e não é para admirar, portanto, que sejam, frequentes os casos de anemia, provocada por um depauperamento físico. O que vale ao trabalhador rural é servir-se de alimentos puros: broa, arroz, macarrão, batatas, feijão, sardinhas, quando as há e

(1) A facilidade de comunicações e a existência de diversos meios de transporte, por intermédio de excursões, romarias e feiras põem em contacto os povos que vão tomando conhecimento de novos usos e costumes. Como é grande o espírito de imitação, deixam-se influenciar pelo que vêem. Assim, os costumes próprios de uma região e com eles o vestuário, vão-se modificando e o que era privativo de uma povoação, estende-se às regiões vizinhas, perdendo estas as suas interessantes características regionais. É por isso que, no Concelho de Barcelos, não se vêem já no campo a camisa de mais alvo e fino pano de linho; a saia comprida com muita roda de pano regional; lenços traçados sobre o peito e na cabeça, matizados com as mais belas cores e compridas franjas; o peito coberto de cordões como se fosse uma mostra de ourivesaria e os próprios brincos, da mais fina filigrana, magnífico adorno da mulher, desapareceram! O mesmo sucederá à característica chinela do Minho, em breve substituída pelo sapato. Quer dizer: a moda escraviza hoje tanto a aldeia como a cidade.

respirar ar puro, do contrário a tuberculose encontraria magnífico meio para se difundir.

Em face do exposto verifica-se que o nível de vida destes humildes trabalhadores é muito baixo e que urge providenciar de forma a elevá-lo, para o que é imprescindível aumentar a produção que permitirá maior poder de compra e venda e, consequentemente, melhor alimentação e a possibilidade de satisfazer necessidades consideradas indispensáveis a vida, posto que muito modesta, do trabalhador rural. Tenha-se em vista a frase tão conhecida — «Não só de pão vive o homem». É mister que a Revolução Nacional se faça sentir mais intensamente na Agricultura, dando ao lavrador mais assistência técnica e financeira. Só assim é que poderá haver alegria no trabalho e o seu rendimento tornar-se compensador.

Doenças — Não obstante as precárias condições económicas de grande parte dos agricultores, não permitindo uma alimentação razoável, não são muito frequentes as doenças a não ser as originadas por acidentes e pelas intempéries e, graças a Deus, porque muitos e principalmente os jornaleiros não teriam com que pagar ao médico e ao farmacêutico, sucedendo por vezes morrerem sem assistência médica. Registam-se todavia alguns casos de pleurisia, úlceras e crises cardíacas nos adultos, e nas crianças dão-se com certa frequência perturbações gástricas e, de tempos a tempos, doenças epidémicas como a varíola e tosse convulsa.

A habitação — Os edifícios são construídos de pedra e cal. Nas casas das aldeias não há regularidade de distribuição nem de arquitectura. O tipo de casa caracteriza-se por ter, em regra, rés-do-chão e primeiro andar, sendo este para habitação e aquele para lojas de arrumação e animais. Ao lado existe um alpendre para guardar lenha e alfaias agrícolas. As casas das famílias mais pobres são térreas — apenas com rés-do-chão. Todas são mais ou menos influenciadas por uma arquitectura tradicional que modernamente se vai desprezando. Assim, nestes últimos tempos a habitação do lavrador apresenta-se já com certa aparência urbana

e com mobiliário adequado, tendente a proporcionar alguma comodidade e bem-estar. As lojas para os animais já não são por baixo, mas ao lado do prédio, com grandes vantagens higiénicas para o homem.



UMA CASA DE CAMPO

Geografia Económica

Agricultura — Já se não pode dizer que Portugal seja um país essencialmente agrícola, como era costume dizer-se. Pesquisas que se têm realizado tornaram conhecidos importantes jazigos de várias espécies de minerais, como ferro, estanho, cobre, volfrâmio e até ouro e urânio que vão transformando o nosso País de agrícola em industrial, sendo já muitas e prósperas as indústrias existentes. Contudo não se pode ainda negar que a agricultura é e será a nossa principal fonte de riqueza.

O Concelho de Barcelos, pela sua situação geográfica, exposição W., clima, natureza do solo, granítico e arenoso, por conseguinte bastante permeável, rico em óxido de ferro e potassa com o predomínio de terrenos de aluvião, possui condições essenciais, mas não suficientes, para o considerarmos de grande fertilidade havendo terrenos ricos e pobres em elementos agrológicos, notando-se por exemplo a falta de cal.

É, todavia, relativamente abundante a produção de cereais — milho, centeio e trigo, e, entre as leguminosas, o feijão, a fava e a ervilha. É muito importante a vinha que ocupa já grande parte da área cultivada com tendência a desenvolver-se mais, suspensa em árvores e cobrindo ramadas para fugir à humidade do solo que, por demasiada, lhe é prejudicial. Esta humidade impede que as uvas adquiram bastante açúcar pelo que os vinhos, com elas fabricados, contêm elevada percentagem de gás carbónico e acidez em relação aos vinhos produzidos nas terras quentes e secas do Alto Douro.

Isto, porém, não obsta a que se tornem agradáveis ao paladar a eles habituado e até preferidos nas estações calmosas por serem frescos e de baixa graduação alcoólica — 7 a 10°.

Seguem-se as hortaliças de que há variedades, as batatas, as plantas de raiz carnuda, como o nabo, a cenoura e a beterraba, esta principalmente para alimentação dos animais. Finalmente a cebola de que o Concelho é grande produtor e exportador, os melões e as melancias.

De tudo isto existe quantidade suficiente para consumo dos habitantes e ainda para exportar alguns destes produtos.

Forragens — Nota-se falta de prados naturais e nos anos secos, os lavradores lutam com sérias dificuldades para alimentar os animais. Semeia-se azevém, língua de ovelha, ferrã, rabo e betarraba com essa finalidade.

Com uma população constituída por famílias com numerosa prole, a propriedade está muito dividida, existindo proprietários com muitas propriedades, mas algumas são simples leiras ou courelas (minifúndios). Desta grande divisão resulta melhor aproveitamento do solo, é certo, mas também uma grande dispersão das propriedades que não deixa de ter os seus inconvenientes. O proprietário, por meio dum trabalho inteligente, procura obter tudo quanto o solo lhe pode fornecer e ser útil. A cultura é por isso intensiva. No campo todos trabalham muitas vezes desde o romper do dia até anoitecer com breves intervalos

para as refeições. Não há distinção de serviços, vendo-se ocupados no granjeio das terras homens e mulheres, tendo estas ainda a seu cargo os serviços domésticos.

Posto que sejam grandes as dificuldades, graças à energia e tenacidade do lavrador, a agricultura vai-se desenvolvendo e aperfeiçoando pelo arroteamento, pelo emprego de máquinas agrícolas compatíveis com a pequena propriedade, pela propaganda feita por brigadas técnicas, se bem que com pouca frequência, pelo exemplo de agricultores mais inteligentes e instruídos e pelo emprego de adubos químicos de harmonia, nem sempre, com as necessidades do solo.

E é surpreendente ver como estes modestos, mas incansáveis cultivadores, conseguem extrair da terra, até da mais pobre, os elementos mais essenciais à vida da Nação. ⁽¹⁾

Indústria — O concelho de Barcelos é relativamente pobre em matérias primas se puzermos de parte a argila (caulim), o pinheiro e a videira, origem das mais importantes indústrias do Concelho — cerâmica, extracção de resina, serração de madeira, fabrico de celulose e do vinho. Este faz-se por meio de esmagadores de uvas e prensas para bagaços de que há vários sistemas, fabrico que convém aperfeiçoar o melhor possível, pois é da qualidade do vinho que depende o seu preço.

(1) Isso, porém, não dispensa e até se torna cada vez mais necessária, a criação duma escola agrícola em Barcelos, necessidade que se impõe desde há muito tempo. Mas dada a impossibilidade da sua criação para já, complete-se o ensino nas escolas primárias com mais uma classe na qual seja ministrado o ensino agrícola, segundo as necessidades da região, tendente a um melhor aproveitamento da terra e à valorização do trabalho do lavrador, mediante uma boa preparação técnica, que infelizmente lhe falta. E' urgente modernizar a agricultura, nossa principal fonte de riqueza, segundo processos mais científicos. Preste-se-lhe todo o auxílio possível, sigamos o exemplo das Ordens Religiosas que nos primórdios da Nacionalidade muito concorreram para o desenvolvimento da Agricultura e da Civilização e principalmente a dos Beneditinos, cuja regra, além dos votos religiosos, impunha a obrigação ao trabalho, regulando a vida de cada monge entre a oração e o trabalho manual, principalmente agrícola, atribuindo a este sete horas diárias,

A argila, sendo abundante na parte norte do Concelho, permite a existência da mais antiga e conhecida indústria de Barcelos — a cerâmica, fabrico de telha e louças de variadas formas e qualidades e outros variadíssimos produtos sendo surpreendente a maneira como é concebido o seu fabrico e o cuidado que põem na sua execução.

Podemos ainda mencionar a existência de lagares para fabrico de azeite e alambiques para destilar aguardente.

Entre as grandes indústrias, além das indicadas, devemos incluir a dos tecidos, rendas, malhas e a da moagem.

As pequenas indústrias ou rurais com a designação dos seus produtos, estão assim distribuídas por freguesias: Cooperativa agrícola de lacticínios, em Ribeira de Neiva; fabrico de cestos de verga, de cântaros e funis de folha da Flandres, em Durães; fabrico de alfaias agrícolas, em Lijó; de tecidos em S. Martinho de Galegos; indústria de bordados, em S. Miguel da Carreira; tecelagem em Silveiros; indústria caseira do linho em Minhotães e Vila Seca; fabrico de colchas em Viatodos; tanoaria em Bastuços; jugos e rodeiros em Carvalhal; de cerâmica em Santa Maria de Galegos; de louça vidrada e galos de barro colorido em S. Vicente de Areias e apicultura em Vila Cova.

A apicultura - Ainda que pouco desenvolvida não podemos deixar de fazer referência especial a esta tão útil indústria. Exceptuando alguns proprietários mais curiosos e inteligentes, pode-se dizer que a criação de abelhas em cortiços ou colmeias é pouco conhecida no Concelho o que é para lastimar por que isso revela forte ignorância da utilidade destes tão benéficos insectos, produtores da cera e do mel e do emprego que ambos têm.

A cera tem elevado valor comercial: é empregada no fabrico de velas, em preparados farmacêuticos, no tratamento de animais, na preparação de lacre para as garrafas, para untar o calçado, para polir móveis, etc.

O mel tem importante valor como alimento, entrando na confecção de vários preparados culinários, com castanhas assadas ou cozidas, bem quentes, fornece-nos uma agradável sobremesa;

pode-se adoçar com ele o leite e o chá; suaviza e até pode curar várias doenças de garganta e em fatias de pão é muito saboroso.

Tudo isto seria mais que suficiente para dar à apicultura o maior incremento. Mas há mais: as abelhas concorrem imenso para a fecundação das flores, permitindo-lhes mais facilmente a formação dos frutos, transportando o polén dumas para as outras e, sobre o ponto de vista social, dão ao homem um magnífico e salutar exemplo de organização, disciplina e trabalho.

Sejamos, portanto, amigos das abelhas, insectos inofensivos e da maior utilidade, que não nos causam prejuizos nem dão despesa.

Comércio — É o acto de compra e venda ou a troca de produtos como primitivamente e ainda hoje entre povos selvagens. Sendo grande a densidade da população rural, talvez a maior do País, a saída de produtos, exceptuando o vinho, cebolas, louças, madeira, resina, milho, feijão, ovos e aves, é de pouca importância. O que o Conselho produz, pode dizer-se que é para seu consumo. Em troca do que exporta recebe o que não pode produzir — tecidos, ferragens, máquinas, vários utensílios, adubos, arroz, bacalhau, açúcar e outros géneros de mercearia.

Quase todo o comércio tem como centro principal as feiras — semanais ou mensais, sendo a de Barcelos semanal e uma das mais concorridas do País, pela sua situação no meio duma das principais regiões agrícolas, pela facilidade das comunicações — estradas e caminhos de ferro que a põem em contacto com grandes centros de produção e consumo como Porto, Vila Nova de Famalicão, Póvoa de Varzim, Apulia, Esposende, Braga e Viana do Castelo e pela variedade de produtos que expõe. Tudo isto torna-a um magnífico campo de oferta e de procura, dizendo o que vale o Concelho, quer o consideremos sob o ponto de vista agrícola e industrial, quer pecuário. O lavrador leva à feira os seus produtos e trás aquilo de que mais necessita. Os próprios comerciantes estabelecidos na cidade lucram com as feiras, pois o agricultor, tendo dinheiro, procura empregá-lo em adquirir fazendas, ferragens, géneros de mercearia, finalmente tudo quanto lhe é necessário e não pode extrair das suas terras. É por isso

que, desde séculos e até os nossos primeiros reis as protegeram, concedendo privilégios aos feirantes. Quer dizer, toda a protecção que se possa dispensar à lavoura e é bem digna dela, vai-se reflectir no comércio em geral e na riqueza nacional.

Instrução - Apesar do notável incremento que nos últimos tempos se vem dando à instrução, não há ainda escolas necessárias para que se possa resolver o problema do analfabetismo, como se pretende e é de absoluta necessidade. Muito se tem feito ultimamente neste sentido e bem hajam os que se esforçam por elevar o nível intelectual dos Portugueses e mórmente suprimir o número dos que não sabem ler nem escrever.

É preciso intensificar a campanha que tão patrióticamente iniciou o Ministro da Educação Nacional visto a percentagem dos analfabetos ser ainda muito grande. Para isso não basta obrigar as crianças a frequentar as escolas, é necessário que estas estejam instaladas em edifícios adequados e com o imprescindível para que o ensino dê o almejado rendimento. É indispensável prover a Escola com tudo que possa fazer dela um centro de atracção e bem-estar para a criança e desperte nela o maior interesse pelo estudo. Impõe-se ainda a criação junto dela de uma cantina onde os alunos possam tomar uma refeição, embora pequena, adquirir livros, etc. pelo menos os mais pobres. E não é menos necessária a criação de uma biblioteca com livros escrupulosamente escolhidos destinados à formação moral e técnica dos alunos e até dos pais.

O número de analfabetos em 1890 era de 35.956 e sabiam ler 9.366.

Em 1900 o número de analfabetos era de 36.539 e sabiam ler 12.842.

Em 1940 havia 43.934 analfabetos e sabiam ler 24.214. Em 1950 havia 39.985 analfabetos e sabiam ler 34.740.

Analizando as estatísticas vemos que a diminuição do número de analfabetos não está em proporção com o aumento da população. Felizmente não pode restar dúvida alguma de que o analfabetismo tem diminuído sensivelmente nos últimos anos e

que é de esperar que essa diminuição se vá acentuando cada vez mais até à sua completa extinção, que tudo leva a crer seja breve, dado o interesse que o Estado tem revelado na sua definitiva supressão, obrigando todas as crianças na idade escolar a frequentar as escolas e criando cursos de educação de adultos.

* * *

Depois de termos feito o estudo, embora incompleto, do concelho de Barcelos vamos relacionar os seus caracteres principais e dar assim uma ideia do seu conjunto.

Qualquer estudo que tenhamos de fazer sobre Geografia precisamos ter bem presente que nada há isolado; todas as unidades morfológicas: vale, planície, montanha, etc., nunca aparecem separadas; pelas leis de contiguidade, continuidade e associação, cada forma é função das outras que estão em volta.

O seu aspecto é de dispersão, isto é, não há uniformidade, tudo é irregular. Observando-o bem, temos uma impressão muito diferente da que quando examinamos qualquer outro.

É desconexo quer pela sua forma e altitude, quer pela disposição do relevo e dos vales. Precisamos de interpretá-lo como ele é. Temos necessidade de conhecer o seu passado. No seu conjunto reconhecemos que há um certo número de feições que não podemos deixar de relacionar. Primeiramente observaremos a sua forma geral, depois as formações parciais, caracteres orológicos, hidrográficos e climáticos.

Em cada ciclo geográfico há quatro fases entre as quais se destaca uma — a terciária, fase de ruína e destruição; depois as forças externas, actuando sobre a superfície terrestre a gastam e corroem.

É o que está sucedendo a todo o Norte do País e é por isso que em todo o concelho não encontramos grandes altitudes, o que representa um elevado grau de erosão através dos diferentes períodos da vida do globo.

O terreno é primário, todavia encontramos também secundário, terciário e mesmo quaternário.

Sendo o relevo primário na sua maior parte, deve ter caracteres próprios; o seu aspecto é, pois, arredondado e não em bico como sucede às formações mais recentes. São terrenos gastos pela acção erosiva das forças externas. Os vales, na sua maior parte de erosão, pois há-os também de fractura, foram-se enchendo, pouco a pouco, com os detritos arrastados das montanhas pelas chuvas e ventos, dando lugar, por sua vez, a novas elevações. São terrenos de aluvião e muito bons para a agricultura. É nestes que se encontra o melhor milho bem como todos os outros cereais, menos o centeio que se dá bem em terras mais altas e secas.

Devido à sua situação não longe do mar, às condições climáticas de altitude, predominância dos ventos de Oeste e ventilação de seus vales, o concelho de Barcelos é muito rico em chuvas e águas correntes o que beneficia a agricultura e mesmo a criação de gado bovino, sendo a província do Minho onde ele abunda mais, pois só no concelho contam-se para além de 10.000 cabeças. Durante o Inverno, embora artificiais, veem-se lindos prados feitos à custa da irrigação, que muitas vezes, quando os invernos são mais rigorosos, as neves queimam.

Ocasões há também em que as chuvas são tão fortes que produzem grandes cheias e as águas, saindo do leito dos rios, inundam as margens, destroem as sementeiras, arrastando terra e mesmo pedras, algumas de dimensões respeitáveis, arrancadas dos muros que não poderam resistir à impetuosidade da corrente.

Estando tudo mais ou menos relacionado, da grande humidade e chuvas abundantes a vegetação do concelho tem caracteres próprios. Esta é hidrófila, de folhas caducas na maior parte e muito compacta, predominando o pinheiro bravo e o carvalho.

Com clima tão favorável, boa situação geográfica, actividade dos seus habitantes, fertilidade do solo, a agricultura é exercida em grande escala e a população, por sua vez, é muito densa, talvez a mais densa do País. Daqui resulta a propriedade achar-se muito dividida (mínifundios), o terreno ser aproveitado o melhor possível e, consequentemente, um grande aumento de

produção. Esta implica a existência de vias de comunicação para deslocamento dos produtos, tais como: caminhos vicinais e estradas, sendo várias já as que servem o concelho, além dos caminhos de ferro do Alto-Minho e da Póvoa-Famalicão, que o põem em comunicação com as principais terras do Norte—Esposende, Póvoa de Varzim, Famalicão, Braga e Viana do Castelo, desenvolvendo muito o seu comércio e este, por sua vez, impulsionando a sua vida económica, faz que seja o concelho de Barcelos um dos mais prósperos de Portugal.



BIBLIOGRAFIA

- Minho Pitoresco, de J. A. Vieira;
Dicionário de Geografia Universal;
Enciclopédia Portuguesa Ilustrada ou Dicionário Universal, publicado sob
a Direcção de Maximiano de Lemos;
Apontamentos Gerais Sobre os Mais Notáveis Objectos que podem atrair
a atenção S. S. M. M. F. F. na sua viagem pelo Distrito de Braga em
1850, por Pereira Caldas;
Carestia da Vida nos Campos, por Basílio Teles;
A Barcelos — revista;
Notas sobre Portugal;
Trabalhos Geológicos (Carta Geológica de Portugal) de Chofat e Delgado
Portugal Económico de Anselmo de Andrade;
Censos da População Portuguesa de 1890, 1900, 1940 e 1950 — Direcção-
-Geral da Estatística, publicados os últimos, respectivamente, em
1945 e 1955.

ERRATAS

Na página 4 — linha 30 — onde se lê numa				— leia-se numa			
»	28 —	»	32 —	»	3.º a 38.º —	»	35.º a 38.º
»	37 —	»	1. ^a —	»	porfissão —	»	profissão
»	41 —	»	1. ^a —	»	tem —	»	têm
»	42 —	»	8 —	»	a —	»	à
»	44 —	»	25 —	»	betarraba —	»	beterraba
»	46 —	»	29 —	»	lem —	»	tem
»	47 —	»	17 —	»	Conselho —	»	Concelho

INDICE

Tendências Modernas da Geografia	3
Como deve ser ensinada a Geografia	7
a) Geografia económica	15
Estudo Regional de Portugal	17
O Concelho de Barcelos	19
Geografia Física do Concelho	21
a) O solo.— Sua constituição Geológica	21
b) Hipsometria—Relevo	22
c) Hidrografia	27
d) Clima e paisagem	28
e) Fauna terrestre e fluvial	29
f) Flora	30
População	32
a) Movimento da população	34
b) Emigração e suas causas	35
Vida rural	36
a) Costumes	40
Doenças	42
Habitação	42
Geografia Económica	43
a) Agricultura	43
b) Forragens	44
c) Indústria	45
d) Apicultura	46
e) Comércio	47
Instrução	48
Conclusão	49
O Castelo de Faria	26
Bibliografia	53
Erratas	54

INDICE

1	Introdução
2	Objeto do estudo
3	Justificação
4	Metodologia
5	Revisão de literatura
6	Geografia física do Brasil
7	Geografia humana do Brasil
8	Geografia econômica do Brasil
9	Geografia política do Brasil
10	Geografia social do Brasil
11	Geografia ambiental do Brasil
12	Geografia regional do Brasil
13	Geografia urbana do Brasil
14	Geografia rural do Brasil
15	Geografia marinha do Brasil
16	Geografia costeira do Brasil
17	Geografia insular do Brasil
18	Geografia de fronteira do Brasil
19	Geografia de transição do Brasil
20	Geografia de integração do Brasil
21	Geografia de desenvolvimento do Brasil
22	Geografia de planejamento do Brasil
23	Geografia de gestão do Brasil
24	Geografia de avaliação do Brasil
25	Geografia de monitoramento do Brasil
26	Geografia de controle do Brasil
27	Geografia de fiscalização do Brasil
28	Geografia de arrecadação do Brasil
29	Geografia de distribuição do Brasil
30	Geografia de prestação de serviços do Brasil
31	Geografia de produção do Brasil
32	Geografia de consumo do Brasil
33	Geografia de poupança do Brasil
34	Geografia de investimento do Brasil
35	Geografia de empréstimo do Brasil
36	Geografia de crédito do Brasil
37	Geografia de seguro do Brasil
38	Geografia de previdência do Brasil
39	Geografia de assistência social do Brasil
40	Geografia de saúde do Brasil
41	Geografia de educação do Brasil
42	Geografia de cultura do Brasil
43	Geografia de esporte do Brasil
44	Geografia de lazer do Brasil
45	Geografia de turismo do Brasil
46	Geografia de hotelaria do Brasil
47	Geografia de alimentação do Brasil
48	Geografia de vestuário do Brasil
49	Geografia de habitação do Brasil
50	Geografia de transporte do Brasil
51	Geografia de comunicação do Brasil
52	Geografia de energia do Brasil
53	Geografia de saneamento do Brasil
54	Geografia de segurança do Brasil
55	Geografia de defesa do Brasil
56	Geografia de justiça do Brasil
57	Geografia de administração do Brasil
58	Geografia de organização do Brasil
59	Geografia de gestão do Brasil
60	Geografia de avaliação do Brasil
61	Geografia de monitoramento do Brasil
62	Geografia de controle do Brasil
63	Geografia de fiscalização do Brasil
64	Geografia de arrecadação do Brasil
65	Geografia de distribuição do Brasil
66	Geografia de prestação de serviços do Brasil
67	Geografia de produção do Brasil
68	Geografia de consumo do Brasil
69	Geografia de poupança do Brasil
70	Geografia de investimento do Brasil
71	Geografia de empréstimo do Brasil
72	Geografia de crédito do Brasil
73	Geografia de seguro do Brasil
74	Geografia de previdência do Brasil
75	Geografia de assistência social do Brasil
76	Geografia de saúde do Brasil
77	Geografia de educação do Brasil
78	Geografia de cultura do Brasil
79	Geografia de esporte do Brasil
80	Geografia de lazer do Brasil
81	Geografia de turismo do Brasil
82	Geografia de hotelaria do Brasil
83	Geografia de alimentação do Brasil
84	Geografia de vestuário do Brasil
85	Geografia de habitação do Brasil
86	Geografia de transporte do Brasil
87	Geografia de comunicação do Brasil
88	Geografia de energia do Brasil
89	Geografia de saneamento do Brasil
90	Geografia de segurança do Brasil
91	Geografia de defesa do Brasil
92	Geografia de justiça do Brasil
93	Geografia de administração do Brasil
94	Geografia de organização do Brasil
95	Geografia de gestão do Brasil
96	Geografia de avaliação do Brasil
97	Geografia de monitoramento do Brasil
98	Geografia de controle do Brasil
99	Geografia de fiscalização do Brasil
100	Geografia de arrecadação do Brasil





biblioteca
municipal
barcelos



4146

Monografia geográfica